O PULPITO EVANGELICO

VOLUME PRIMEIRO

1874

BIN.
34.932-1

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA EVANGELICA

15, Travessa da Barreira, 15

—

1874

INDICE.

Numero. 1º. — **A Biblia será a Palavra de Deos?** pelo Rev. Emanuel Vanorden.

O 2º. numero — **Porque ignoramos a Eternidade?** pelo Rev. José Manoel da Conceição.

O 3º. numero. — **Jesus Christo, o Poder e a Sabedoria de Deus**, pelo Rev. F. J. C. Schneider.

O 4º. numero.— **Culto e Casas de culto**, pelo Rev. A. L. Blackford.

O 5º. numero. — **A Justificação pela Fé**, pelo Rev. W. Le Conte.

O 6º. numero.— **O Proto Evangelho**, pelo Rev. G. N. Morton.

O 7º. numero.— **O Governo da Igreja**, pelo Rev. F. J. C. Schneider.

8º. numero.—**O Direito e o Dever do Juizo privado na Interpretação das Escripturas Sagradas**, pelo Rev. Eduardo Lane.

O 9º. numero. — **A Mariolatria**, pelo Rev. G. W. Chamberlain.

O 10º. numero.—**Sacerdocio do Christianismo**, pelo Rev. M. P. B. de Carvalhosa.

O 11º. numero — **A Queda e a Restauração de S. Pedro**, pelo Rev. Emanuel Vanorden.

O 12º. numero.— **Christo o Fim da Lei**, pelo Rev. A. L. Blackford.

BIBLIOTHECA NACIONAL
REPUBLICA
RIO DE JANEIRO

Porque ignoramos a eternidade ?

Andamos por fé, e não por visão.
2 Cor. 5 : 7.

O homem, meditando sobre o futuro destino de sua alma, diz frequentemente : Se ao menos soubessemos alguma cousa do que será de nós na eternidade ? Se nós tivessemos ao menos alguns traços do estado do espirito depois da morte do corpo, algum conhecimento do seu destino ; um simples presentimento do genero de sua habitação ; algum presagio de seus prazeres e soffrimentos nessa duração infinda !

São realmente muito perdoaveis semelhantes perguntas e desejos. Mas tambem elles revelam em nossa alma mais indiscrição e curiosidade do que um nobre empenho de saber.

Este pois, se consola facilmente com

n°2

a convicção de que virá infallivelmente o dia em que havemos de saber isso tudo ; saberás então tanto quanto te será util. Aquella porem não se quer contentar com isso ; indiscreta, ella quer saber sómente com o fim de satisfazer seus desejos : parecendo-se assim a uma criança caprichosa, que, não obstante a certeza que tem de que seus ternos pais hão-de mimosea-la em determinado tempo, quer advinhar inutilmente com antecipação quaes serão os presentes que então ha de receber.

Não houve tempo em que a loucura dos mortaes deixasse de querer perscrutar os mysterios da eternidade. Dahi provém essa incalculavel variedade de ideias e sonhos sobre a organisação da vida eterna, de que se póde dizer sem exageração, quantas cabeças tantas sentenças, que deram á sua imaginação um livre curso a este respeito. Entre Judeos como entre Turcos, entre Pagãos como entre os Christãos, vogam ácerca do estado dos nossos espiritos depois desta vida, idéas as mais extravagantes, até indignas de Deus, sua grandeza e magestade.

Uns pensam que as almas devem gozar lá em cima de continuos prazeres, cercados de magnificos jardins e bosques, em

mesas ricamente cheias, onde se banqueteam a seu bel prazer. Outros creem que as almas dormem nas sepulturas até o dia do juizo final, no qual hão de ser recompensadas. Outros imaginam que as almas, emquanto esperam o juizo final, demoram-se umas em baixo da terra, outras nos vestibulos do inferno, outras no ar, outras nas proximidades do céo, com faculdade de apparecer em certos tempos, principalmente de noite em fórmas de phantasmas, para aterra-los sem razão nem proveito.

Outros ainda pensam, que as almas dos finados devem girar n'um paraizo, fazendo sua maior felicidade em se recordarem e narrarem os acontecimentos de sua passada vida. E ainda os ha que crêm que para que as almas possam entrar no goso da eterna bemaventurança, importa que se purifiquem anticipadamente de todos os seus peccados, cuidados e inclinações terrestres.

Mas, debalde a curiosidade e temeridade dos mortaes tem pretendido invadir assim as portas da eternidade, para descobrir seus mysterios. Impenetraveis permanecem as trévas com que Deus envolveu o paiz não conhecido; donde nenhum

dos mortos voltou ainda, para revelar á curiosidade humana os sagrados mysterios do mundo espiritual. Entretanto estas fatuas subtilezas nunca se dirigiram a um fim caritativo e benefico. Os homens se hão atormentado com suas phantasias. Elles se hão creado entes de razão de diversas qualidades, que nunca existiram senão no seu ideal exaltado. Povoaram sua imaginação de phantasmas e espiritos visiveis, que o medo lhes representava em todas as partes. Desta sorte, longe de propagarem o reino da sabedoria, só propagaram o da superstição; em vez de propagarem o reino de Deus, propagaram o dos erros e fabulas do paganismo. Elles cuidavam menos em se assemelhar a Nosso Senhor Jesus Christo, tanto no seu modo de pensar como em suas obras, do que em disputar sobre suas opiniões e imaginações. Pareciam dar muito mais preferencia a formulas oratorias e scientificas, sacrificios e castidade apparentes, jejuns e purificações exteriores, do que á imitação de Christo em modo de pensar virtuoso e obras de caridade. Até fizeram finalmente consistir todo o christianismo mais em dogmas e fé do que nas obras agradaveis a Deus para cujo fim os exhortavam todos os sermões de

Jesus e epistolas dos Apostolos. Debalde diz S. Tiago: Que bem faz, meus irmãos, dizer: eu tenho a fé, se as obras não se conformam com ella? Cuidais que com a fé sómente sereis bemaventurados? (S. Tiago 2: 14.)

Debalde diz o Senhor Jesus: Nem todos que me dizem: Senhor! Senhor! entrarão no reino dos Céos; mas os que fizerem a vontade de meu Pai que está no Céo, esses entrarão no reino dos Céos. (Math. 7: 21.)

Na verdade elles persistiram em a sua triste sabedoria: superstição, costumes supersticiosos, formulas de orações e culto publico lhes mereceram sempre mais importancia do que as instrucções e o amor do Divino Mestre.

Longe de mim pois tudo quanto não passa de uma curiosidade indiscreta; longe de mim todas as representações e hypotheses sobre as almas dos finados, que nada mais possam senão induzir-me a sentimentos e costumes supersticiosos. Para mim só ha na terra um Revelador de tudo que é divino e celeste, este é o Filho de Deus, Jesus Christo o Salvador do mundo. Só elle é minha luz, a minha estrella no meio da escuridão; tudo quanto

os homens, por mais sabios e santos que sejam, quizeram e querem revelar-me ácerca da vida eterna, não passa de representações terrestres e proprias de suas opiniões.

Jesus, porém, o eterno companheiro da eternidade, o Principio e o Fim, Jesus nos promette a immortalidade d'alma, sem descobrir-nos minuciosamente as condições da futura existencia.

Elle nos ensina que a alma humana, depois de se desembaraçar do corpo (aqui) vai ao encontro de condições mais excellentes, que Deus lhe tem preparado desde o principio: pelo que, assim diz elle ao criminoso na cruz: Em verdade te digo, que hoje estarás commigo no Paraizo. (S. Lucas 23:43.)

Elle diz mais que os espiritos, já nesta mesma vida devem-se preparar para a eternidade, que, aqui mesmo, já elles pertencem ao reino lá de cima: que o reino de Deus não consiste em signaes exteriores, senão que existe dentro de nós mesmos n'uma existencia virtuosa e perfeita. S. Luc. 17:21.)

Diz-nos ainda: que a eternidade será confórme com o gráo de perfeição a que o mortal se houver elevado nesta vida.

Lá cada um ha de ser julgado segundo seus proprios pensamentos, palavras e obras, e assim será tambem proporcionada sua recompensa. (S. Math. 25:34 — 46.)

Com semelhantes instrucções ácerca das esperanças, que devemos nutrir da eternidade, se deve satisfazer o discipulo de Jesus.

Elle conhece o valor da vida eterna, cujas promessas o lisonjeam. Andamos aqui por fé e não por visão. (2.ª Cor. 5:7.)

E porque não deveria eu contentar-me com estas promessas?

Porque não deveria dar-me voluntariamente por satisfeito com aquillo que Jesus me promette? Porque prestaria eu ouvidos de preferencia á minha curiosidade indiscreta, e não á sabedoria do meu Salvador divino e auctor da minha felicidade?

Se a Divindade se agradasse em fazer o genero humano participante dos mysterios do outro mundo, podemos estar certos que esta faculdade nos teria sido concedida. Assim não foi porém do agrado daquelle que sabe tudo; segue-se pois, que o conhecimento do estado dos espiritos na eternidade não teria concorrido para a nossa felicidade. Nós fomos privados

delle até á hora solemne em que nos tornaremos collegas da eternidade.

A tua curiosidade indiscreta, pois, de querer explicar o enigma do mundo futuro, é digna de castigo; a falta de fé e confiança na alta sabedoria e paternal amor de Deus, é cousa indigna do christianismo. Convençamo-nos que aquillo que Nosso Senhor é servido que nós ignoremos, se o soubessemos, seriamos desgraçados. Muitos segredos occultam os pais aos filhos, emquanto dura a sua menoridade, reservando sua communicação para uma idade propria para os receber. Uma communicação demasiadamente prematura poderia pôr em perigo com a prosperidade da casa a felicidade dos filhos.

E quem ousaria censurar por isso a prudencia e precaução destes cuidadosos pais, que provam justamente com isso a grande sollicitude que teem pelos filhos?

Os proprios filhos não lhes serão porventura reconhecidos por isso algum dia?

O mesmo acontece entre Deus e o homem.

Quando um dia a morte quebrar o sello do mysterio, nós tambem havemos de balbuciar o nosso agradecimento á sabedoria do eterno Pai. Tambem nos have-

mos de rir então dos nossos vãos esforços, a que nos houvermos dado no empenho de descobrir a eternidade. Mas tambem havemos de lamentar a nossa falta de confiança na graça e providencia de Deus.

Por mais incapazes que nós sejamos, por causa de nossos tão limitados conhecimentos, de penetrar nos designios do Todo Poderoso e seus altos fins, todavia nos seria tão facil perceber o porque a mão de Deus quiz assim occultar-nos a eternidade, como seria facil erguer um pouco este véo, se elle o quizesse.

Quanto menos nós conhecemos de certeza o destino que depois desta vida nos espera, tanto mais pura, desinteressada e activa deve ser a nossa virtude na terra. O que mais é a virtude christa? O que é a santidade, que Jesus exige de nós? Nada menos do que a nossa maior felicidade e perfeição.

Ella não deve por isso propôr-se outro fim senão a sua propria realidade. Ella não deve servir de meio, para alcançar esta ou aquella vantagem; ainda menos deve ella ser uma medida de pura sagacidade.

Que casta de virtude seria aquella que só désse esmolas, para receber honras do

mundo? que fugisse ás inimizades por amor da propria tranquilidade? que soccorresse para ser tambem soccorrida? que fizesse obras publicas por amor da propria consideração? que se propozesse á honestidade com o fito de ganhar confiança? que só fosse affavel, para ser lisonjeada, humilde, para ser estimada? que só tributasse amizade aos que com outro tanto lhe podessem retribuir? Seria isso realmente virtude no sentido de Jesus? Não. — Nada mais do que sagacidade. Nada mais do que uma *tactica* calculada para haver maiores vantagens mediante pequenas privações. Se pois amamos sómente aquelles que tambem nos amam, se tratamos bem sómente aos que tambem a nós assim tratam, temos com isso recebido nossa recompensa. Tal não deve ser porém a conducta do christão. Mas sem egoismo, sem rebaixar a virtude até a sagacidade, sem mirar qualquer outra recompensa que não seja o proprio aperfeiçoamento, deveis ser perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito. (Math. 5 : 46, 47.)

Aquelle que não póde amar a virtude por amor della mesma, não conhece o que é virtude! A criança que só se mostra docil se se lhe promette algum presente,

não é criança prudente e virtuosa, mas sagaz e egoista.

Deus é perfeito, porque é Deus ; a perfeição é um attributo seu, porque a perfeição acha em si mesma sua completa felicidade. Deus é perfeito, não para alcançar vantagens exteriores ; é clemente, benigno e bom, não para que o verme do pó, o homem fraco, lhe preste por isso veneração. Neste sentido sómente quer Jesus que sejamos tambem nós perfeitos como o Pai Celeste é perfeito.

Nós devemos buscar a perfeição e santificação pela pratica de todas as virtudes, não para sermos pagos, senão porque nesta mesma perfeição e santificação já está incluida a bemaventurança da alma. O mais virtuoso é o mais feliz, na qualidade de mais nobre. O que foi elle nesta vida, tal será sua alma na eternidade.

Sua vida, tanto aqui como lá, consiste na faculdade de poder approximar-se sempre mais da perfeição divina, que o torne sempre mais semelhante a Deus.

Aquelle que não obra mal pelo temor do castigo, a esse tal se pode chamar sagaz mas não virtuoso. Se alguem não furta de medo da cadeia, quem o chamará por isso virtuoso ? Quem ousaria affiançar que

elle não furtaria se não houvessem cadeias nem prisões? Se não se pecca por fugir ao inferno, é-se por isso justo? Ou se um homem pratica neste mundo muitas obras boas na esperança de receber em troco na outra vida extraordinarias recompensas, será por isso um santo no sentido do Senhor Jesus Christo? Pratica-las-hia elle da mesma sorte, se nenhuma esperança tivesse, ou se só as tivesse vagas? Não será sua virtude desta sorte senão um meio de comprar immensos bens por um diminuto preço, vendo se pelo sacrificio de poucos minutos adquire uma eternidade de prazeres?

Não é portanto benefico o não podermos conhecer daqui a eternidade? Nossa virtude permanecerá sempre mais santa e desinteressada, em quanto, ignorando o destino que nos aguarda, nos vermos reduzidos a nós mesmos.

De resto, ainda quando nos fosse concedida uma revelação da vida futura, seriamos nós capazes de comprehender cousa alguma della? Poderiamos nós em nossa actual condição, e com nossas faculdades puramente terrestres, comprehender as cousas puramente celestes? Como comprehenderia o sensitivo o espiritual!

Todas as descripções ficariam para nós sempre obscuras, visto nos faltarem todos os meios de comparação.

Se um viajante civilisado aportasse em alguma das ilhas do oceano habitada por incultos selvagens, de que meios usaria elle para faze-los comprehender as vantagens espirituaes da vida civilisada, se os selvagens não tem della noção alguma ?

Se se quizesse pintar a um cego os encantos de uma bella paisagem, ao pé de cujas elevadas montanhas serpenteam brilhando grandes rios, e sobre cujas alturas resplandecem, douradas pelo sol de uma linda tarde, nuvens cór de purpura, com que palavras se poderia representar ao cego (que nunca enxergou a luz) o encanto desta creação ?

Triste permanecerá o cego em sua escuridão, sem nada comprehender de tudo isso; senão é, que uma ainda maior tristeza de sua alma se apoderará, por não poder gozar de uma felicidade igual á de que gozam tantos outros viventes.

Portanto, somos todos nós, os mortaes, porventura, a respeito da gloria da vida futura, que nos espera, alguma cousa mais do que aquelle que nasceu cego ?

Lá enxergam sómente os glorificados ! E se viesse um daquelles perfeitos, se nos quizesse elle explicar a grandeza, a bondade, a magestade do Creador daquelle mundo bemaventurado ; se quizesse representar-nos o estado das almas, desembaraçadas do terrestre, seriamos nós capazes de o entender e comprehender? Não cahiriamos provavelmente em tristeza pela consideração de haverem creaturas de Deus mais perfeitas e felizes do que nós ? Não achariamos ordinarios os prazeres que Deus nos tem concedido nesta vida, em comparação desses que nos tem reservado lá? Oh, certamente foi com mão sabia que o Eterno occultou-nos sob um véo o esplendor da eternidade, cuja bemaventurança não devemos gozar nesta vida — ella nos tornaria, pois, menos felizes do que o somos, visto que não conhecemos nella maiores gozos do que aquelles que nós sentimos.

Se nos fosse dado lançar um golpe de vista na eternidade de mundos futuros a impaciencia de chegar a elles havia de amargurar-nos a existencia aqui. Quão facil não seria passar com rapidez além dos limites da vida ! Quantos milhares de pacientes, em seus momentos de me-

lancolia, esquecendo-se de seus deveres, não prefeririam deixar este mundo!

Mas Deus quer que nós preenchamos o nosso destino na terra, que não abandonemos livre e criminosamente a nossa carreira terrestre, mas que completemo la até o seu ultimo fim. Por isso é que ás portas fechadas da eternidade, póz elle de sentinella o terror, a duvida inquieta, o terrivel silencio da morte e as infinitas trevas.

E estas sentinellas repellem o genero humano em seu caminho, para não interromper violentamente sua carreira.

Debalde nos atormenta a impetuosidade da vida, debalde, o grande desejo da reunião com os nossos amigos, que foram adiante de nós para a patria eterna. O terror que cerca as portas da eternidade nos impelle para fóra, e nós continuamos nossa jornada terrestre mais socegados.

Oh se não fosse esta obscuridade...., bem poderiamos compararmo-nos ao navegante cansado, o qual, depois de uma viagem tem e tuosa e longinqua, divulga as praias de sua patria. Elle já enxerga brilhantes de verdura as arvores floridas e as cabanas tranquillas. Nelle se acorda

então todo o desejo de as ver e o ardente amor patrio.

A este aspecto de que vive ha tanto tempo privado, seus olhos nadam em lagrimas de um dolorozo prazer !—Elle estremece ! Cada momento lhe parece um anno, que deve retardar-lhe ainda o alcance da suspirada praia.

Ai ! elle já conhece a esposa, os irmãos, os pais, os filhos, os amados que estão á sua espera ! Elle já os vê estendendo-lhe seus braços para o receberem ! Os gritos do amor e da saudade já lhe chegam de longe até aos ouvidos.— O que é que o impede mais para não voar aos seus braços ? para não chorar plenamente pelo prazer que faz por elles bater-lhe tão ternamente o peito ! Oh ! patria de socego ! Oh ! prazer que faltou-me tanto tempo. Assim clama elle.—Mas elle esqueceu o leme do navio, esqueceu-se tambem das ondas do mar, dos recifes, esqueceu-se dos thesouros colhidos nesta longa e penosa viagem. Louco de saudades, lança-se ao mar, para chegar mais depressa ás praias de sua patria.

Tal seria a sorte do mortal, se, para sua propria felicidade um tenebroso abysmo o não separasse da Patria Celeste.

Mas, ó Deus meu ! este abysmo que

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA

me não separe para sempre daquellas almas, tão ardentemente amadas, que já lá me esperam ! Sim. Um dia tambem eu hei de enxergar as praias da verdadeira Patria, tornarei a vê-los emfim, os caros; aos quaes se acha preso o meu coração, descançarei então dos perigos e fadigas, que supportei no mar tempestuoso da vida.

Consola-te ó minha alma. Deus tem preparado o teu socego, e te guarda a tua Patria, onde acharás transportado o que tinhas perdido aqui. Tu não estás só : ah ! os caros já te esperam. Elles te acercam com as palmas da victoria, que tu deves ganhar aqui. Levanta-te minha alma ! termina este combate. Eleva-te pela santa palavra de Jesus e sua santa vontade para este fim, pelo qual só te pódes tornar cidadão de uma vida mais bella, e participante de um futuro bemaventurado ! É elle quem te brada : « Sê fiel até á morte, e eu te darei a corôa da vida ! »

Amar-te, Jesus, e crer-te,
No teu seio repousar :
Por meu Rei e Senhor ter-te :
Pela bebida e manjar :

Saborear em paz tua graça,
Da tua morte, ó Salvador,
Provar a santa efficacia,
Oh ! ineffavel dulçor ?

Oh ! ventura inenarravel !
Tenho o Eterno por Pastor !
Sempre terno e exoravel ;
Tanto e tal é seu amor.
Em sua viva caridade
Desce abaixo aqui na terra,
Suas ovelhas da orphandade
Tomando nos braços cerra.

Elle deu por mim sua vida,
Me conhece a nomear;
A sua mesa me convida,
Na sua casa hei meu lugar.
Elle quer bem inquerir
Da minha fraqueza e mal,
Quanto é bom ! quer supprimir.
Minha falta original.

Se o Soberano Monarcha,
Dos homens na multidão
Me discerne, se me marca
Na palma da sua mão :
Que m'importa a mim, ó mundo !
Se sempre me desconheces !
Tu, com teu olhar profundo,
Tu, Jesus, tu me conheces.

O Revd. José Manoel da Conceição.

Da *Imprensa Evangelica* de 3 de Janeiro, transcrevemos os seguintes apontamentos sobre o autor do sermão que publicamos neste numero do *Pulpito Evangelico*. Diz:

« O Sr. Conceição nasceu na cidade de S. Paulo no anno de 1822, e foi criado na mesma provincia.

Em 1844 foi ordenado padre da igreja romana, e pelo espaço de 18 annos exercia o cargo de parocho em diversos lugares de sua provincia natal.

Elle possuia em alto gráo o caracterisco tão essencial ao ministerio sagrado, uma profunda e viva sympathia com seus semelhantes: e em toda a parte onde andava, foi bemquisto do povo. Elle foi com justiça considerado um dos maiores ornamentos da tribuna sagrada da diocese de S. Paulo.

Seu espirito esclarecido e recto não podia porém conciliar os dogmas e a pratica da igreja romana com a luz do evangelho, que seus estudos lhe traziam, e depois de uma renhida lucta espiritual por alguns annos, decidiu-se em 1864 a tudo abandonar por amor da verdade. Em Setembro desse anno participou ao Bispo de

S. Paulo a sua retirada definitiva da igreja romana e a sua renuncia dos cargos que nella tinha exercido.

Em Outubro do mesmo anno associou-se á Igreja Presbyteriana desta Côrte pela profissão solemne de sua fé em Jesus Christo como o unico Salvador.

Em Dezembro de 1865 foi ordenado ministro do Evangelho pelo Presbyterio do Rio de Janeiro, reunido na cidade de S. Paulo.

Poucos mezes depois, emprehendeu de *motu-proprio*, o que era seu trabalho predilecto, andar de casa em casa e de lugar em lugar annunciando aos homens a boa nova de salvação de graça por nosso Senhor Jesus Christo.

E até o fim de sua vida, umas vezes a cavallo outras vezes a pé, proseguiu como podia, n'esta sua nobre missão.

Seus collegas e amigos muitas vezes instavam com elle para aceitar algum outro emprego ou modo de trabalho mais compativel com as suas forças. Elle, porém, não quiz annuir.

Muitas cidades, villas e arraiaes e milhares de pessoas nas provincias de S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas Geraes, são testemunhas da fidelidade, zelo e fer-

vor com que elle pregava Christo crucificado como o unico Redemptor.

Elle semeiou a boa semente, da qual haverá no Brazil e no Céo uma boa colheita.

O Sr. Conceição padecia, havia muitos annos, de uma grave enfermidade, que ás vezes o incapacitava por dias e semanas inteiras para qualquer serviço.

Em 1867, na esperança de achar allivio desta sua enfermidade, fez uma viagem aos Estados Unidos, onde exerceu o seu ministerio, prégando o Evangelho a duas colonias portuguezas no estado de Illinois com grande acceitação.

Voltou de lá em 1868; e logo depois tornou a seu trabalho predilecto de andar prégando pelo interior, no qual continuou, apezar de aggravar-se a molestia de que padecia.

Os rogos e offertas de seus irmãos e amigos não poderam demove-lo.

A 24 de Dezembro de 1873, vindo, segundo parece, em direcção a esta cidade e chegando a um lugar perto de Cascadura na freguezia de Irajá, o Sr. Conceição não poude mais proseguir.

Tendo recebido noticia vaga de sua doença, um amigo seu sahiu logo no dia seguinte á procura delle. Chegado ao lu-

gar indicado, soube que tinha sido transportado, por ordem do digno subdelegado de Irajá, para a enfermaria do Laboratorio Chimico de Campinho, onde, depois de receber todos os soccorros possiveis tinha fallecido ás 4 horas da manhã desse dia, 25 de Dezembro. Estavam já feitos todos os preparativos para um enterro honroso de seus restos mortaes pelos dignos Srs. Honorio Gurgel do Amaral, subdelegado da freguezia, Dr. Augusto Fausto de Souza, director, e padre Telemaco, capellão do dito Laboratorio. O seu amigo nada tinha que fazer senão agradecer o nobre e generoso procedimento para com o nosso irmão da parte desses cavalheiros, a quem elle era antes desconhecido. A benção de Deus descance sobre elles !

Informam-nos que o fim de nosso irmão era paz. O Salvador a quem cria e a quem servia, não o desamparou. Veio busca-lo como tinha promettido. Emquanto lastimamos a sua morte como perda nossa e da causa que elle servia, estamos persuadidos que para elle é incomparavelmente melhor. Elle descança de suas fadigas e de seus soffrimentos. Nas moradas celestes, onde elle agora assiste, não ha mais dôr nem tribulação.

Cumpre notar aqui, que, pelas autoridades ecclesiasticas da diocese de S. Paulo foi lavrada sentença de excommunhão e desautoração contra o Sr. Conceição; a qual foi publicada em Abril de 1867, ou dous annos e meio depois de elle separar-se da Igreja Romana. A esta sentença elle deu logo resposta digna e habil, que respira o espirito magnanimo e evangelico que o caracterisava. »

A' vista dos boatos que adrede se propalam de ter o finado manifestado nos seus ultimos dias desejos de voltar ao Romanismo, convém registrar o facto que entre os papeis que trouxe comsigo na occasião de sua morte havia um exemplar de sua defeza impressa e algumas cartas de altos dignatarios da Igreja Romana pedindo-lhe com grande instancia que voltasse para ella. Esta redacção está sciente de esforços feitos pelos agentes de Roma nesse mesmo intuito tanto antes como depois da publicação da sentença de excommunhão, esforços vãos, que sempre encontravam em em José Manoel da Conceição o *non possumus*, não do Papa, porém do Evangelho.